

Veranico de junho

A NOTÍCIA das primeiras liberações de preços — feijão, enlatados, alguns cortes nobres de carne bovina — faz o mesmo efeito, na economia, do veranico que andou afetando as nossas condições climáticas: sente-se uma certa descontração da parte dos agentes econômicos, a visível expectativa de que esteja terminando a parte mais dura da "recessão purgativa".

NÃO é proibido gozar um pouco desse tímido sol de inverno. O que não se deve é extrair desse calorzinho epidérmico conclusões mais amplas; e, menos ainda, sacar sobre o futuro.

QUE há um certo alívio conjuntural, não é difícil verificar. A indústria vem trabalhando, nos últimos meses, com um volume de encomendas suficiente para levar os empresários a acreditar que o pior da recessão já passou. Os preços agrícolas vêm subindo mais devagar desde o mês passado; e isso facilita, para o Ministério da Economia, a tarefa de ajustar os demais preços. Sendo a alimentação elemento-chave do orçamento familiar, para a grande maioria dos brasileiros, uma trégua nesse terreno é uma preciosa contribuição à política antiinflacionária.

PODE haver, também, motivos psicológicos para a descontração. Como observou um empresário de São Paulo, "ninguém pensa, no momento, em novos

pacotes econômicos, e sabemos que há uma equipe aberta ao diálogo".

QUANTO a crescimento sustentado, isto já são outros quinhentos. O economista Edmar Bacha, ex-Presidente do IBGE, comemorou com cautela as notícias sobre a recuperação da indústria, por julgar que "dificilmente esse quadro será mantido em futuro próximo". E, prudentemente, a equipe econômica do Governo raciocina na mesma direção: não trabalha com a perspectiva de crescimento econômico para este ano, admite que o desempenho do PIB pode voltar a ser negativo em 1991, e considera que os movimentos de recuperação da produção talvez não passem de um processo de recomposição de estoques. Ao Governo, na fase atual de decompressão, não interessa que a excitação volte a dominar a economia; seu objetivo, em vez disso, é a saída gradual, lenta e ordenada do fundo do poço.

NÃO pode ser de outra maneira. Além do fato de que não há consistência visível nas melhorias registradas, o passado ainda se mostra demasiado próximo. Ninguém atravessa impunemente o que foi a vida brasileira num ano como o de 1989 — período em que o País conseguiu chegar suavemente a uma inflação de 90% ao mês.

A INDEXAÇÃO era o remédio que dissimulava a dor. O

brasileiro acostumou-se de tal maneira ao remédio, que a "memória inflacionária" acaba de ser apontada (numa pesquisa feita entre empresários) como o maior obstáculo atual ao saneamento da economia.

PASSAMOS a achar que inflação não tinha importância, contanto que houvesse a indexação. Esse terrível condicionamento não pode ser invertido facilmente; e por causa disso, o Governo tem razão quando considera que ainda não está terminada a travessia do deserto.

O MINISTÉRIO da Economia está trabalhando em duas linhas básicas: a da liberação gradual de preços para os setores onde existe concorrência real; e a do realinhamento de preços nas categorias monopolísticas ou oligopolizadas. Uma terceira linha, voltada para dentro, é a continuação da limpeza da casa que o Governo começou no setor público, mas que ainda não terminou.

TUDO dá a impressão de estar, mesmo, no início. Mas como o mergulho na recessão tinha aspecto amedrontador, a simples sensação de que se parou de descer já faz com que o brasileiro encare com mais disposição este verdadeiro pós-guerra que estamos vivendo, segundo a expressão — justificada — da Secretária de Economia Dorothéa Werneck.